

Renúncia só interessa a quem não se definiu

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A renúncia do deputado Paulo Maluf à sua candidatura à Presidência da República não interessa ao PDS nem à candidatura de seu adversário Tancredo Neves. Convém apenas aos setores do partido oficial que não querem ligar-se à imagem do ex-governador de São Paulo e consideram a adesão ao candidato da oposição inconveniente, por falta de espaço político na Aliança Democrática.

Os eleitores de Paulo Maluf negam a possibilidade de sua retirada da disputa, alegando que em seu dicionário não existe a palavra renúncia.

Os aliados de Tancredo Neves descartam, por sua vez, sua renúncia; preocupados com a desestabilização do processo político que daí poderia resultar. Dizem que, no caso do afastamento de Paulo Maluf, os beneficiários do regime poderiam desesperar-se pela derrota antecipada e conseqüente fim das vantagens de que desfrutaram há 20 anos. Tal desespero poderia motivar forças dos antigos esquemas de repressão, desativadas, a ações contrárias à plenitude democrática e ao projeto de abertura política do presidente João Figueiredo.

Assim, a renúncia do deputado Paulo Maluf a sua candidatura atende apenas àquelas áreas do PDS que ainda não se definiram no tocante à sucessão presidencial. Ainda se encontram em cima do muro, como quase toda a seção gaúcha, de onde veio tal sugestão. Eles não se decidiram ainda por nenhum dos candidatos porque não aceitam que a sucessão transcorra dentro da alternativa: ou Paulo Maluf ou Tancredo Neves.

Não aceitam vincular seu destino ao do ex-governador de São Paulo, que enfrenta rejeição nacional e notória impopularização. Não vêem nenhuma vantagem política na adesão a Tancredo Neves, porque já não têm o que negociar com o candidato da oposição, sobrecarregado de apoios de outros pedessistas que madrugaram na Frente Liberal do PDS.

Os tancredistas, embora digam, da boca para fora, que Maluf não renunciará jamais, porque se considera predestinado a assumir a Presidência da República, na intimidade não escondem o temor de que ele possa vir a tomar tal decisão, se realmente se convencer do franco favoritismo do candidato da oposição e da falta de solidariedade do governo João Figueiredo. Receiam que tal retirada importe na criação de clima favorável ao retrocesso institucional pelo desespero em que ficariam os pedessistas e os donos do poder, ante o fim das mordomias e de benefícios indiretos da sua posição.

O deputado José Thomas Nonô, da Frente Liberal, não acredita também em renúncia de Maluf. O deputado fez a observação ao comentar a próxima visita do candidato do PDS a Alagoas, adiantando que, no seu Estado, todos os votos do colégio

eleitoral já estão definidos, e que Maluf não conseguirá nenhum apoio suplementar.

José Thomas Nonô acredita que Paulo Maluf não renunciará, porque estaria politicamente liquidado. Conforme o parlamentar, apesar de todas as evidências de sua derrota no colégio eleitoral, Maluf deve manter sua candidatura até o dia 15 de janeiro, para ver se consegue ser nomeado síndico da massa falida do PDS.

Raciocina o deputado alagoano que, se Maluf se retirar antecipadamente do páreo sucessório, desaparecerá do cenário político. Ao contrário, se persistir, mesmo sabendo que será derrotado, ainda terá chance de liderar o que sobrar do partido oficial, após o dia 15 de janeiro, credenciando-se para fazer oposição ao futuro governo Tancredo Neves.

"O Maluf não pode reunir. Precisa ficar." Assim o deputado Ângelo Magalhães se manifestou a propósito da possível renúncia de Paulo Maluf à sua candidatura à Presidência da República. O deputado Oscar Alves (PDS-PR) acha "difícil" que isso ocorra porque, segundo disse, "o quadro está definido. Mas em política não há jamais *nem toujours*".

O presidente do PDS, deputado Augusto Franco, o ex-chefe da Casa Civil de São Paulo, Calim Eid, o senador João Lobo (PDS-PI) não acreditam que o deputado Paulo Maluf venha a deixar o páreo sucessório.

"Acredito que o Chiarelli tenha proposto, mas o Maluf não aceita" observou Franco, acrescentando que "o candidato não é muito de renúncia; é de vitória. Não tenho conhecimento disso nem acredito".

"No dicionário de Paulo Maluf não existe a palavra renúncia", observou Calim Eid, para quem "ninguém deve querer subir à custa dos outros. Tenho pelo senador Carlos Chiarelli a maior consideração e torço para que vingue a tese do parlamentarismo. O que não aceito é que alguém queira subir nas costas dos outros. Renunciar por quê? Se o Maluf é vencedor? E não adianta vir com o 'já ganhou' porque ele não pega. Já demos exemplo disso em São Paulo e na convenção do PDS, e vamos repeti-lo no dia 15 de janeiro".

"Não vai ter renúncia coisa nenhuma", garante João Lobo, acrescentando que "Maluf já ganhou. Por que renunciar se ele sabe que está vitorioso?"

COMITÊ

O presidente do PDS, deputado Augusto Franco, anunciou uma reunião hoje, às 10h30, para organização do comitê da campanha em favor dos candidatos do partido à Presidência da República, Paulo Maluf, e à Vice-Presidência, Flávio Marçílio, segundo decisão da Comissão Executiva Nacional do partido, em reunião no dia 10 de setembro.

"O Albano está na comissão de articulação empresarial e ainda nem sabe", brincou Franco, a propósito da inclusão de seu filho, senador Albano Franco, numa das comissões que integram o comitê.